ANO 9.º — Sexta-feira, 10 de Março de 1916 — NUMERO 412

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro

Propriedade da Empresa

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—AVEIRO

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

(AVENÇA)

A caminho do tribunal

Vai na proxima segunda-feira *O Democrata*, na pessoa de Henrique de Brito, que tomou a responsabilidade duma carta nele inserta e considerada criminosa, comparecer no tribunal da comarca perante o juri que o hade julgar.

Mais uma vez o *Democrata dará contas á justiça* por supostas ofensas, que não foram mais que a reprodução de narrativas e comentarios feitos a actos, publicamente conhecidos e rigorosamente verdadeiros, duma creatura que, por decoro, a não deviam resuscitar da paz do tumulo, trazendo-a de novo para a discussão.

Não caluniámos, não conspurcámos nem ofendemos ninguem. Revoltados perante a audaciosa desvergonha e repugnante cinismo dos que foram outra vez buscar á paz do tumulo Manuel Firmino, para o nivelarem a José Estevam, provámos com a publicação de documentos e argumentos irrefutaveis que não assistia o direito aos que, por condenável vaidade, pretendiam agora defrontar, contrabalançar numa ridicula exposição de paineis duas individualidades que em nenhum campo—nenhum!—são susceptiveis de tal paralelo!

Manchar assim a rutilante e egrégia figura de José Estevam, figura que não é apenas de Aveiro porque lhe deu o liceu e fez derivar até aqui a linha do caminho de ferro, mas que é de Portugal e da historia, onde o seu nome está gravado a letras de oiro pela grandeza do seu talento, do seu carater e da sua dignidade — pelo sacrificio da sua vida nos campos da batalha em prol da Liberdade—manchar, diziamos, essa figura num contraste deprimente e de leso patriotismo com a figura vulgar de um cidadão que se distinguiu apenas por efemeras tricas politicas da época de que lhe resultaram vaidosas distinções autentificadas numa simples e inutil *carta de conselho* que tanto emporcalhou com a pratica de actos que o codigo penal prevê, tal tentativa com o nosso silencio jámais se consumaria sob pena de passarmos a nós mesmo o vil diploma de traidores ao respeito e á veneração que a figura gigantesca de José Estevam merece a todos os homens cultos, a todos quantos pézam e medem a nobreza d'alma e a grandiosidade dos seus feitos. Feitos que os seus conterraneos aqui perpetuaram no bronze duma estatua e os seus admiradores no de outra erguida em frente ao Palacio das Côrtes, do qual ele foi o inegualavel ornamento, abrindo brecha com a sua palavra veemente e fulminante nos responsaveis pelos desrespeitos á lei, pelos abusos, pelas ofensas á justiça, como a dinamite hoje destroe os rochedos e despedaça as montanhas!

A familia do homem de quem o unico intento, o determinado objectivo de toda a sua vida fôra deprimir, enxovalhar, afrontar com falsissimas calunias e processos repugnantissimos a vida do grande e honrado cidadão; a familia do homem, que, após tenazes tentativas não conseguiu, nem ao de leve, manchar a fulgurantissima figura de aquele cujo nome o país ainda hoje venéra pelo exemplo que nos legou; essa familia, de conhecidissimas tradições, patrocinada por um dos seus membros, que por uma natural consequencia atávica herdou os feitos e adota os processos da parentela, toda democratica por uma simples questão de barriga, lembrou-se estuita, audaciosa e petulantemente de estabelecer, ainda que em azulejos, o escarneo dum confronto entre a imortal figura do destemido paladino da Liberdade, que sofreu os horrores da fome no exilio e viu a morte nos campos da batalha, com o conselheiro de triste figura, que, como holocausto á Liberdade e ao Progresso, não passou do conforto sem poltrona, onde, repoldreado, escrevinhava ou autorisava a publicação de insultos de toda a especie a José Estevam como a tantos quantos supunha torpeços á politica de arranjos e de compadrio, que foi sempre o apanágio dos seus brilhantes serviços á Patria e á humanidade.

Dum lado, pois, se colocou a familia do conselheiro, com o seu solicito procurador e ornamento, o dr. Barbosa de Magalhães, á frente, batendo todos os pontos acessiveis á realisação do seu triste e ridiculo plano.

O sr. Barbosa de Magalhães é, atravez de tudo, o mesmo decidido protetor da familia, quer seja nas colisões desairosamente gráves, como se viu por ocasião do congresso republicano aqui realisado, quer quando a prova de esmagadôras verdades se estão para fazer, quer ainda em qualquer conjuntura, como esta, em que é necessario o seu auxilio atravez de tudo.

O sr. Barbosa de Magalhães, como das outras vezes, acudiu agora e acudiu a valer. E' da praxe. Mas ficou só com a ideia e o retrato do parente em cima do telheiro da estação.

O do grande, o do imorredouro portuguez, que se chamou José Estevam, arrancamo-lo nós das mãos que pretendiam mancha-lo, colocando ao lado do do seu detrator e inimigo de sempre! Sería um supremo escarneo, um aviltamento á Historia nacional, consentir, ainda que em azulejos, essa verdadeira profanação.

Não fômos dos que apedrejaram e correram Manuel Firmino quando das irmãs da caridade. Alguns desses assinaram o pedido dos interessados para a Companhia dos Caminhos de Ferro, aplaudindo a na sua intenção porque... o sr. Barbosa de Magalhães patrocinava a causa. Ha, como estes, quem deseje estar bem com Deus e com o Diabo...

Pois neste, como noutros casos do mesmo valor, preferimos a nossa consciencia. Com éla vai quem desassombradamente tomou conta da responsabilidade daquilo que faz, não se arreceiando de dizer a verdade, por muito que isso pése á corja que da mentira e da falcatrua tem vivido.

Comentarios

—==(*)==—

O cronista da *Capital* que tem a seu cargo a secção—*Poeira da Arcada*—aludindo, ha dias, ao que por cá se passa com respeito a acumulações de empregos, escreve:

«Os sugeitos que acumulam empregos passam cada vez melhor em sua fadigosa existencia. Parece que o que custa alguma coisa é exercer bem um emprego: muitos não custa nada. O cidadão que, no fim do mez, algibeira uns poucos de ordenados tem da vida uma noção optimista, alegre, de valsas e assobios. A sua alegria torna-o irredutivel á disciplina do dever que é por sua natureza austero e rispido. Distribuem abraços e sorrisos a todas as pessoas que, no seu entender, abaixo de Deus mais correm para a salvação dos pelintras. E já não fazem pouco. A lisonja, nas democracias idealistas, além de um patrimonio de principios restauradores exige um bom regimen de mantimentos.

* * *

Um amanuense, em Aveiro, floriu na sua modesta condição e desdobrou-se em administrador do concelho e comissario de policia. Um jornal local assanhou se com o fenomeno e lavrou o seu protesto. Não tem razão o nosso coléga. Um homem póde muito bem fazer de amanuense, administrador do concelho e comissario de policia e ser prestante á colectividade. E' uma questão de o deixarem ruminar em paz a sua felicidade. Medra em virtudes e consideração e ao fim de alguns anos aposenta-se com dignidade, podendo apontar o seu passado como um modêlo do mais puro desinteresse. E sobre a sua campa, este epitafio simples: —*Aqui jáz, feito pó, um homensinho que, para ser feliz, serviu o Estado com tão espertos dentes que, ainda na extrema velhice, comia com mais gana que nos dias esqueleticos da sua mocidade esteril. Morreu com uma folha de serviços taes que lhe permitiu baixar á terra fria com uma mortalha de Diarios do Governo. Paz á sua alma e fazei como ele.*»

Que lindo papel está a desempenhar o sr. governador civil e os que seguem a sua politica sectarista!

O **Democrata** *é o jornal de maior tiragem e circulação e* **mais barato** *que se publica na séde do distrito de Aveiro.*

PORQUÊ?

Pelo relato dos diarios sabe-se que começou a ser rigorosamente vigiada a barra de Lisboa, onde, de noite, nenhum navio entra nem sái. Alem disso os faroes conservam-se apagados e os navios crusam, álerta, em combinações com os fortes. De dia a navegação só se faz depois de indispensaveis formalidades.

Dar-se-á o caso que estejâmos em presença de alguma carrapata, motivada pela tomada dos barcos alemães?

Maria do Carmo Alves Ribeiro e Arnaldo Ribeiro, julgam ter agradecido a todas as pessoas que, quer pessoalmente quer por escrito, lhes dirigiram condolencias pela morte de seu amantissimo pae e sogro; mas podendo ter cometido alguma falta, ainda que involuntaria, veem por este meio repara-la, significando o seu indelevel reconhecimento por tão penhorante deferencia.

Aveiro, 8 de Março de 1916.

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

O nosso aniversario

—==(*)==—

Alem das felicitações que, por meio de carta, nos dirigiram muitos amigos a proposito do aniversario do *Democrata*, é-nos grato registar egualmente, com viva gratidão, as palavras de alguns colegas, entre os quais mencionaremos os seguintes:

Do *Povo de Agueda*:

«O Democrata»

Entrou ontem no seu 9.º ano de publicação o intemerato colega *O Democrata*, de Aveiro.

De fronte altiva, tem caminhado sempre, sem que ameaças ou conveniencias partidarias o detenham. Não conhece imposições, vergasta, fustiga quando necessario.

Quer moralidade dentro da Republica, quer uma Republica honesta e digna. Se todos os jornais assim procedessem...

Ao nosso bom amigo Arnaldo, seu director, os nossos parabens.

Do *Cinco de Outubro*, da Régua:

«O Democrata»

Entrou no 9.º ano de existencia *O Democrata*, brilhante e valente semanário republicano radical, de Aveiro.

Os nossos parabens.

De *O Radical*, de Oliveira de Azemeis:

«O Democrata»

Entrou no 9.º ano da sua publicação este nosso presadissimo confrade aveirense, de que é director o nosso velho amigo Arnaldo Ribeiro.

Ao nosso distinto colega, que tem passado já o longo periodo da sua existencia sempre na defesa da Republica e dos bons principios, enviamos as nossas saudações, desejando-lhe a continuação das suas prosperidades.

De *O Benaventense*, de Benavente:

«O Democrata»

Conta mais um ano de existencia este denodado batalhador da democracia, que se publica em Aveiro.

As nossas cordeais felicitações:

Do *Jornal de Coimbra*:

«O Democrata»

Entrou no 9.º ano de existencia o nosso distinto colega de Aveiro *O Democrata*, de que é director o nosso amigo sr. Arnaldo Ribeiro, a quem por tal motivo felicitâmos, desejando que complete muitos anos mais.

Do *Imparcial*, de Pombal:

«O Democrata»

Entrou no seu 9.º ano de existencia este conhecido colega de Aveiro, que nos tempos da monarquia foi um violento combatente pelos principios do Partido Republicano, principios que ainda hoje defende e sustenta.

As nossas felicitações.

Da *Vida Nova*, de Viana do Castelo:

«O Democrata»

E'-nos imensamente grato registar o 9.º aniversario do nosso presado e distinto colega aveirense *O Democrata*, dirigido com desassombro e inteligentemente pelo nosso querido camarada sr. Arnaldo Ribeiro.

E' dos jornais mais vigorosos que conhecemos na defesa dos são principios democraticos e aquele que mais tem azorragado os que procuram, com os seus maus actos, corromper a Republica.

Registando, pois, com entusiasmo o 9.º aniversario do brilhante hebdomadario, abraçamos o seu intemerato director sr. Arnaldo Ribeiro, a quem desejâmos todas as prosperidades de que é digno.

De *A Verdade*, de Matosinhos:

«O Democrata»

Entrou no 9.º ano da sua existencia este nosso presado colega, excelente semanario republicano radical que se publica em Aveiro, sob a direcção do sr. Arnaldo Ribeiro.

Enviâmos-lhe as nossas felicitações com o desejo duma larga vida e muitas prosperidades.

De *Os Sucessos*, do Corgo Comum:

«*O Democrata*, acaba de entrar no 9.º ano de publicação, pelo que o felicitâmos na pessoa do seu director, o nosso amigo sr. Arnaldo Ribeiro. Que continue a registar muitas datas identicas, sempre desanuveado de dificuldades.

Da *Bairrada Livre*, de Anadia:

«O Democrata»

Entrou no 9.º ano de publicação o nosso intemerato colega *O Democrata*, de Aveiro, um dos jornais que no nosso distrito mais se tem sacrificado pela defesa dos principios republicanos.

Felicitâmos o seu estimado director, nosso amigo sr. Arnaldo Ribeiro, fazendo votos pelas prosperidades do *Democrata*.

Da *Democracia do Sul*, de Montemór-o-Novo:

«O Democrata»

Conta mais um ano este nosso presado colega aveirense, pelo que vivamente o felicitâmos.

De *O Desforço*, de Fafe:

«O Democrata»

Entrou no 9.º ano de uma honrada existencia este nosso distinto confrade, habil e inteligentemente dirigido pelo ilustre colega, bom e velho republicano, sr. Arnaldo Ribeiro.

E' dos que combatem pelos bons principios republicanos, com intransigencia e destemôr o que, a despeito de estarmos a cinco anos de Republica, ainda é preciso.

Saudâmo-lo muito cordialmente pelo seu aniversario que acaba de passar.

De *O Povo de Anadia*:

«O Democrata»

Com o numero 410 entrou no 9.º ano de publicação este intemerato colega de Aveiro, superiormente dirigido pelo nosso amigo sr. Arnaldo Ribeiro.

Do *Noticias de Cantanhede*:

«O Democrata»

Completou mais um ano de existencia, este nosso destemido confrade de Aveiro, pelo que o saudâmos.

De *O Concelho de Estarreja*:

Pela imprensa

E' do nosso presado colega *O Democrata*, de Aveiro, o nosso editorial de hoje.

Pedindo vénia para a sua transcrição, cumprimentâmos ao mesmo tempo o ilustre colega pela passagem do seu aniversario, desejando-lhe vida prospera e desafogada.

Tumultos

No concelho de Macieira de Cambra, deste distrito, tem havido desde a preterita semana alteração da ordem publica por causa da venda de leite para as fabricas de manteigá, tendo-se a autoridade visto em palpos de aranha para conter em respeito os lavradores, que até já chegaram a investir contra a força armada, obrigando a a fazer fogo embora com pontarias altas.

Segundo informes directos que ontem recebemos, o conflito ainda está longe duma solução, o que é de lamentar, porque a industria da manteiga em Macieira mobilisa diariamente uns dois contos e se a questão continua, se a desordem não acaba, bréve se refletirá na vida economica do importante concelho, que tem tudo a lucrar com o restabelecimento da normalidade proveniente dum acordo entre as partes litigantes.

E' possivel que o sr. Luiz Antonio da Fonseca e Silva, que está desempenhando as funções de administrador, enverede por esse caminho, unico compativel com os interesses gerais que se devem colocar acima de tudo.

Por Moçambique

O nosso colega *Patria*, que na Beira se publica semanalmente, aponta num dos seus numeros chegados ha pouco á metropole, o seguinte facto:

«Entre ferros, num acanhado calabouço do quartel da policia, está cumprindo trinta dias de prisão, *maximo da pena*, um guarda que tem nove anos de bons serviços como militar, e dois elogios.

O crime insignificante que serviu de pretexto para se castigar tão severamente um homem, cuja maior culpabilidade é saber-se que é *republicano*, resume-se no seguinte: esse homem, como muitos outros empregados da C. M., exercia o comercio, para o que tinha uma cantina nas trazeiras do quartel do Maquinino, onde num dos dias destinados ao descanço semanal foi vendida, supomos que uma garrafa de vinho a indigenas; um outro guarda que portas a dentro do quartel e sem licença, em tempos exerceu identico comercio, cujos sentimentos e caracter, prestando-se a delactor, são pouco honrosos para a sua função de militar, pretendendo talvez mostrar-se aluno laureado do curso de bufologia, criado pelo ex-capitão Azevedo, foi denunciar o camarada.

Grande e horrivel crime! Intimado o acusado a comparecer na presença do actual comandante, foi-lhe por este perguntado o fim com que tinha ido falar ao Meretissimo Juiz da Comarca, e obtendo por resposta que apenas ali foi para saber se existia no tribunal alguma queixa contra ele, foi mandado retirar, dizendo-lhe o mesmo comandante que mandaria proceder a averiguações e nada mais.

Passados dias, o guarda recebia ordem de prisão em conformidade com o Decreto de 2 de Maio de 1913, por ter infringido os n.os 15, 22, 24 e 47 do art. 40.º.

Porque razão o Governador da C. M., representante *local* da So-

berania Nacional e das instituições, que são *republicanas*, usou de tão grande rigor, levando ao maximo o castigo aplicado a um antigo e zeloso serventuario, que tem a hombridade de se não mostrar como os camaleões, de *furta côres*, não escondendo as suas convicções republicanas, e *foi tão excessivamente benevolente* para com um outro militar de patente superior, não republicano, que cometeu a maior falta que um militar pode praticar—a afronta ao simbolo da Patria, e a apreciação na presença de subordinados da marcha politica do País?

Porque foi o Governador tão rigoroso com um simples soldado que cometeu um crime relativamente insignificante, mas que é republicano, e encobriu o gesto digno da mesma classificação praticado por um oficial monarquico?

Porque lançou o primeiro uum calabouço durante trinta dias e permitiu que o segundo continuasse no disfruto dos lugares que ocupava? Porque não procedeu de igual forma e com o mesmo rigor, contra uns e outros guardas, dilectos do capitão Azevedo, que ha mezes, para os lados de Chiloane se envolveram em desordem?

Quererá S. Ex.ª, apezar de no primeiro ano depois do advento da Republica, ter corrido a filiar-se num centro republicano, demonstrar com actos tão parciaes e violentos, a sua *força como monarquico?*

Se assim é, parece-nos que anda mal, porque embora procuremos abster-nos da politica, por ser função alheia a este jornal, não consentiremos sem veemente protesto, que tão acintosamente se persigam os que professam esses ideais, nem que tão conscientemente se sancionem e encubram afrontas e humilhações ás instituições.

Faça-se justiça imparcial e digna, comute-se a pena ao soldado preso, usando-se do mesmo rigor ou das mesmas tolerancias para com todos».

E' assim mesmo. A *Patria* protesta e protesta com justificada razão contra o que se está passando na Companhia de Moçambique de vexatorio para os republicanos, visto que tolerar que estes continuem a ser acintosamente perseguidos, seria esquecer um dever que á imprensa compéte, atravez de tudo, dever que nos apressâmos tambem a cumprir, acompanhando o nosso colega, e pedindo ao governo energicas providencias para que duma vez para sempre faça entrar na ordem quem se compraz em estabelecer a desordem, sob pena de se tornar conivente das rancorosas perseguições de que estão sendo vitimas os republicanos da importante provincia ultramarina.

Nada. Isto assim não póde continuar, sendo de absoluta urgencia uma intervenção energica que ponha a coberto das iras da Companhia de Moçambique os empregados contra quem ela tem permanentemente assestadas as suas baterias só porque, firmes, continuam abraçados ao ideal que viram resplandecer em 5 de Outubro de 1910.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

A administração do padre Pato

NA

Junta das Aradas

A companheira do sr. Vigario dá por páus e por pedras---O sr. Vigario faz sessão de leitura numa taberna

Falámos no ultimo numero da *Sociedade Anonima Exploradora do padre Pato* e hoje vamos continuar.

O padre, esse ainda tem tréguas. Ficou esbodegado de jogar o entrudo, e está acabrunhado de todo, segundo nos diz a visinhança, com a tremenda descompostura que a sr.ª Gloria lhe deu na segunda-feira.

O ultimo numero do *Democrata* chegou ás mãos da sr.ª Gloria, contra vontade do padre e apezar deste ter tomado todas as precauções.

A sr.ª Gloria ficou fula e berra, barafusta, fez um escandalo enorme a ponto de as visinhas, sr.ªs Luz do Neto e Maria Rosa Grega, irem perguntar se o sr. Vigario ou a sr.ª Gloria precisavam de alguma coisa.

Dizia a sr.ª Gloria, enfurecida, que ao tribunal é que não ia. Que lá para dar espetaculo é que não estava e que ou o sr. Vigario mudava de *companheiros*, ou que então tinha de mudar de companheira...

Que estes barulhos só lhe teem dado prejuizo. Que pague o dr. (quem será o dr.?) que o mete em trabalhos e que pague o Acacio.

Se lá os taes amigos do sr. Vigario querem escrever mal dos outros, que se aguentem e que concorram com as despezas.

Se o Acacio gosta muito destes barulhos para fazer pirraças ao primo, que ande ele mais a cara dele, mas que se não fôsse ele e o sr. dr. (quem será o dr.?) que tinha ela agora mais uns bons mil reis.

Perderam os oficios, antes da Republica, com as asneiras que eles fizeram e que depois da Republica tem sido um nunca acabar de prejuizos. Os amigos do sr. Vigario—berrava a sr.ª Gloria de olhos esbugalhados e acha em punho—só teem servido para lhe fazerem mal. Muito amigos, muito amigos, mas o que querem é que eu lhes empreste uns centos de mil reis. Nem mais um real! E quero para cá os juros! Fulano, Cicrano, Beltrano não se chegam com os juros, lá porque são amigos do sr. Vigario...

Que tenho eu com isso, sr. Vigario? Se não fossem eles lá por causa da monarquia, o sr. Vigario ainda hoje estava na residencia e na igreja. E assim nem igreja, nem residencia, nem quintal, nem congrua, nem monarquia. E paga Gloria. Ora para isto, cebolorio!...

Agora quero vêr se eles é que andam com os processos. Eu é que não vou ao tribunal nem largo cinco reis mais. E agora diga cá o sr. Vigario: o que ganhou em ir ontem á tarde para a venda? Lêr o jornal, lêr o jornal, e gastar um tostão em vinho, num tempo em que nos não dão presentes e em que tudo está tão caro!...

Efetivamente o Vigario tinha passado a tarde de domingo gordo numa taberna, a lêr a um grupo o *Riso do Vouga*, e lá gastou um tostão num litro de vinho que mandou botar.

Incorrigivel o *honesto homem, cidadão exemplar* e *virtuoso sacerdote*.

Se fôrem capazes de nos desmentir, dâmos-lhe um dôce!

Carnaval

—=(*)=—

Apezar do explendor dos ultimos tres dias, os folguedos carnavalescos decorreram desanimados, resumindo-se apenas a alguns carros que, com varios estudantes, atiravam por essas ruas tremoço a quem passava e aos que das janelas correspondiam aos seus furiosos ataques.

Mascaras muito poucas e sem o mais leve espirito—excepção feita aos *entusiastas* que tem no gabão e no cabo da vassoura o facil recurso para a exibição da *toillete* apropriada ao dia.

No domingo á tarde, uma creancinha, das muitas que enxameavam as ruas no mais completo abandono das respectivas familias, correu para um automovel a fim de apossar-se dumas serpentinas que dele pendiam, recebendo uma pancada do estribo, que a prostrou com um ligeiro ferimento, não podendo caber pelo triste incidente a mais leve responsabilidade a quem quer que seja.

Os dois espetaculos organisados pela direcção do teatro, não agradaram pela sua monotonia. Apesar das apregoadas variedades, desde o primeiro numero até ao ultimo, com substituição do artista, foram sempre a mesmissima cousa.

Bailados e *couplets* ditos em hespanhol e não se passou disso, acrescendo a nota impressionante, que o publicó recebeu, proveniente duma queda dada por uma pobre mulher que fazia equilibrios sobre um arame, cousa que só serve para ocasionar desastres e nada mais.

A autoridade administrativa sensatamente publicou uns editaes proíbindo o emprego da farinha, mas esqueceu-se de incluir na proíbição o uso dos *bonbons* que uns determinados selvagens entre nós empregam cheios de areia, milho, feijão, castanha e pedras. Foi tal a quantidade deles empregada, de mistura com batatas, que varias pessoas ficaram molestadas, chegando outras a saírem do teatro como sucedeu com o sr. Joaquim Maria da Luz, rua do Bomjardim, 520, Porto, que um acaso da sua vida levára ali.

Cremos bem que estes factos, tristissimas provas duma sociedade que se préza, não se repetem noutra qualquer parte. Este sistêma significará tudo menos um passatempo ou um divertimento de ocasião. E' verdadeiramente brutal e se a policia em vez de admoestações inuteis, levasse até á esquadra a passar a noite os estupidos autores da perigosa brincadeira, abria um exemplo digno do todo o aplauso.

Os tres bailes ultimos correram um tanto animados e concorridos. Na primeira e ultima noites deram-se, porêm, ligeiros incidentes que só alarmaram parte da assistencia, sem outras consequencias de maior, entrando depois tudo na quaresma, na santa paz do Senhor, que oxalá se prolongue, como convêm a uma população pouco dada a desordens.

Barbosa de Magalhães e *Bichêsa*, completando-se, não fazem senão comprometer as instituições e, em especial, o partido democratico de Aveiro, a que adesivaram, caindo nêle como uma peste.

O resto, saber-se-á dentro em bréve...

UM BRADO

Da *Republica*, comentando tambem a atual situação do afilhado do sr. governador civil:

«Despertou a nossa atenção o seguinte brado, que, em grosso normando, expele das suas colunas o *Democrata*, de Aveiro, orgão de um dos partidos democráticos locais:

Com consentimento e apadrinhado pelo sr. governador civil, está ainda exercendo os lugares de administrador do concelho e comissario de policia o sr. Francisco da Encarnação, amanuense do governo civil e secretário da Estatistica.

Preguntâmos nós: é moral e dignifica o partido democratico que o sr. Encarnação esteja assim a acumular empregos, recebendo 360$00 anuais pelo de amanuense, 400$00 pelo de administrador, 90$00 pelo da Estatistica, isto fóra os emolumentos? Não, não é moral, sr. governador civil, e V. Ex.ª tem de pôr cobro quanto antes ao escandalo que se está praticando na séde do distrito de Aveiro.

Ou temos de apelar para o sr. ministro do Interior.

Não é moral, nem é legal, mas é comodo. E tanto basta para que esse tal Francisco da Encarnação se conserve numa situação que não é só privilegio do sr. general Carvalhal, permanente comandante geral interino da Guarda Republicana. De que vale o *Democrata* recorrer para o sr. ministro do Interior? Este regista... o brado e manterá o Encarnação nos seus três lugares, por este ser da confiança do governador civil de Aveiro...»

Ai sim? Pois então viva a *santa moralidade* republicana!...

Cortejo religioso

Saíu na quarta-feira da igreja de Santo Antonio a chamada procissão de *Cinza*, que apoz ter percorrido várias ruas da cidade, recolheu de novo áquele templo, nas proximidades do jardim publico.

O movimento de forasteiros foi grande, mórmente das freguezias rurais e do proximo concelho de Ilhavo.

No Brazil

—=*=—

A nova directoría do Centro Republicano Português do Rio Grande do Sul

Em data de 1 de fevereiro é-nos enviado o seguinte oficio:

... Sr. Diretor de *O Democrata*

Aveiro

Cumpre-me levar ao conhecimento de V... que, em sessão festiva realisada a 31 de Janeiro ultimo, foi solenemente empossada a seguinte Directoria, que dirigirá os destinos da nossa agremiação no periodo de 1916 a 1917.

Presidente, *Dr. Belmiro Pêgas*
Vice-Presidente, *Joaquim Soeiro*
1.º Secretário, *José Henriques do Couto*
2.º Secretário, *Américo de Oliveira Souto*
Tesoureiro, *Antonio da Silva e Sousa*
Adjunto, *Antonio José Vaz*
Procurador, *Joaquim Antonio do Amaral*
Bibliotecário, *Amadeu Rodrigues dos Santos*
Adjunto, *Albertino José de Moraes*
Conselho Fiscal, *Matias da Silva Oliveira*
Manuel Rodrigues Pinto
Joaquim Antonio das Neves

A nova administração do *Centro Republicano Português* espera que V... lhe dispense o seu valioso apoio para, da melhor maneira, poder cumprir a missão que lhe foi confiada.

Cordeaes saudações

José Henriques do Couto
Secretário

Aproveitando o ensejo, cumprimentâmos todos os nossos compatriotas republicanos do Estado do Rio Grande, fazendo os mais ardentes votos pelas suas prosperidades e do Centro que tão patrioticamente sustentam.

PELA IMPRENSA

"O Zé P'reira,,

Recebemos o 1.º numero desta folha humoristica de Lisbôa que se propõe fazer chorar... de riso toda a gente pelo modico preço de 1 centávo, o que achamos barato, atendendo ao custo do bacalhau e outros generos que, como o *Zé P'reira*, fazem parte integrante da vida...

Saudações de bôas vindas e os nossos votos por que a péle do bombo se não arrombe...

Está para breve

O sr. Manuel Tavares, morador no Porto, é um dos paladinos monarquicos, dizendo-se até que, com a sua fortuna, contribuiu avultadamente para as tentativas restauracionistas.

Convencido talvez da absoluta inutilidade dos seus sacrificios para dar vida a uma coisa que para sempre morreu, apresentou á policia uma carta que outro paladino, em serviço activo, lhe enviára a vêr se colhia a bagatela de mais 5 contos para a nova intentona preparada—*para bréve...*

E' edificante o famoso documento que fica pertencendo á historia e que aqui deixâmos registado:

«*Il.mo e Ex.mo Sr. Manuel Tavares* — Tomo a liberdade de me dirigir a V. Ex.ª para se interessar por uma causa que interessa a todos os pobres e ricos os que são monarquicos e filhos deste malfadado pais; e como V. Ex.ª é daqueles que eu escolho para nos auxiliar na nossa causa, pediamos a V. Ex.ª para nos entregar são Reis 5 contos; nós fazemos estes pedidos a todos os que nos pertence relativamente com os seus haveres; não ache que é muito, porque outros ha que tem entregado aos 10 e 15. Com muita consideração. De V. Ex.ª at.º ven. cr.º e obrg.º — (a) *Chefe da Carbonaria Branca Portugaeza, V. M. de Almeida.*

«Vou saber resposta 21 ou 22 do corrente, das 8 ás 10 da noite».

Ao lado lia-se ainda esta nota:

«Restauração para breve.»

Preso o autor da carta declarou logo perentoriamente que ela, como outras que iriam ser expedidas, era a consequencia duma decisão tomada pelo *comité* e aconselhada por o jámais esquecido Aparicio de Miranda, o assaz notavel Moreira de Almeida—o de Banana—etc., etc.

Querem-nos melhor?
Tudo á altura!

SE LHES PARECE...

Dizem-nos de Ilhavo que o *bicho* da familia *pálidus procopozoide* vai dar acordo de si visto ter sido atacado de *nevroses* apenas sentiu mecherem-lhe no rabo os desalmados que o não tomam a sério nem por mil diabos.

E tudo devido á sorte que D. Ubaldo teve de morrer com o *bicho* atravessado no coração...

Um premio

Corre mundo que a um tal Alberto Corrêa, implicado na tentativa de assassinato de que esteve para ser vitima o sr. Afonso Costa, na Praia das Maçãs, caso que a imprensa da capital relatou com minuciosos pormenores, foi agora dado um *osso* na direcção geral da contabilidade publica, por onde afinal se conclue que o homem não é tão mau como o pintaram os que do acontecimento fizeram enorme escarceu.

Se até foi reconhecido no parlamento como revolucionário civil, para mais facilmente abichar a posta!...

Querem-nos assim ou melhor?

Atropelamento

Por ter sido colhido pelo automovel do sr. Antonio Rodrigues Jeronimo e por ele guiado, deu na terça-feira de tarde entrada no hospital onde foi cuidadosamente pensado pelo digno provedor da Mizericordia, sr. dr. Lourenço Peixinho, que ali se encontrava, o menor de 6 anos Manuel Maria da Naia, filho de José Maria da Naia, ausente na America e de Maria da Luz Roque, o qual, por virtude de gràves lesões internas, teve de recolher a uma das enfermarias afim de ser convenientemente tratado.

Ao que parece, do desastre não cabem quaisquer responsabilidades ao *chauffeur*, que vagarosamente conduzia o carro pela Rua dos Mercadores, á hora a que ele se deu bastante movimentada, calculando-se que lhe tivésse dado origem a imprevidencia da creança não se desviando a tempo de evitar o choque que a prostrou.

Infelicidades.

Notas mundanas

Consorciou-se com a sr.ª D. Maria Antonieta Castro o sr. Serafim Bartolo Pontes, proprietario dum importante estabelecimento de ourivesaria em Vizeu, onde fixou residencia.

Aos noivos, a quem exornam excelentes dotes de caracter, apetecêmos uma vida perene de felicidades.

✠ *Está em Aveiro o deputado por o circulo, sr. dr. Brito Guimarães.*

✠ *Por ter sido traiçoeiramente agredido na noite de terça para quarta-feira, recolheu á cama o nosso assinante de Mamodeiro, sr. Manuel Simões da Rosa.*

Pronto restabelecimento lhe desejâmos.

✠ *Entrou em franca convalescença o esclarecido clinico, sr. dr. Francisco Soares.*

✠ *Esteve nésta cidade, o sr. Placido Augusto Veiga, proprietario do nosso colêga* O Ovarense.

A Santa Inquisição

(Pedaços da sua historia)

Deve haver uns tresentos anos que existiu o palacio da inquisição — o *Santo-oficio* — onde eram inqueridas milhares de pessoas e submetidas ao juramento de fé, sujeitando-as a verdadeiras torturas, inflingindo-lhes os maiores castigos, tudo em nome de Deus. E' tal o horror que isso ainda hoje nos causa ao lêr os *Misterios da Inquisição*, que nos sentimos confrangidos por tantissimas monstruosidades ali cometidas.

Foi ha dias, numas escavações feitas ali na rampa de S. Domingos, por baixo da Calçada do Gama, num estabelecimento de ourivesaria denominado a *Muralha de Ouro*, que o seu proprietario, procedendo a uns arranjos para ampliação do estabelecimento, encontrou na primeira *étape* tres esqueletos humanos. Segundo reza a historia, era ali a cerca do Palacio da *Santissima Inquisição*.

Alguem, entendido na materia, examinou os craneos dos esqueletos e verificou que os maxilares estavam em perfeito estado de observação, e por isso notou que pertenciam a pessoas ainda novas. Era da santa religião dar caça aos novos; esses possuidores de mais vida, luz e inteligencia, procuravam desvendar os barbaros mistérios do santo relicario para nunca mais serem vistos. Na *Muralha*, cavando-se mais fundo e mais alêm, encontram um jazigo comum onde estavam milhares de esqueletos humanos, uns sobre outros que nos deu a impressão de uma grande peça de *Galantina* ladeada de ossos.

Foi ali naquele jazigo onde tombaram milhares de vidas, e tudo isso em nome de Deus... Ali, sem duvida, jazeram almas bem formadas, corações nobres e consciencias limpidas, com que essas panteras de manto negro—os jesuitas—em honra de Deus, se refastelavam na podridão dos vicios para exemplo e gloria dum povo.

Lucullo, general romano, tão celebre pelos seus banquetes, mandava matar os seus *escravos* e lançava as carnes ao *lago das trutas* para as engordar, as quais depois deveriam servir aos seus banquetes, onde dava largas ás bacanais, arrotando a carne humana. Era gastrónomo.

Os jesuitas, primeiro inflingiam os tratos de polé ás suas vitimas e depois de massacradas, eram lançadas ao jazigo comum, onde nem sequer um só grito de revolta se fazia ouvir.

Tudo isso, repetimos, era feito em nome de Deus. Lucullo comia as trutas recheadas de carne humana; era esse o seu prazer, e os jesuitas, esses, não o sabemos, mas a sua crueldade levava-os a lançarem na fogueira, no meio das praças publicas, e com vida, os martires da *Santissima inquisição*. Mas tudo isso acabou ficando apenas os odios dos que, ainda que desfarçados, se podessem hoje, começariam por nos arrancar em vida, primeiro os olhos, a lingua, e por fim o coração. São nefastos esses bandos de corvos, essa peste que á terra rouba o que ela produz sem que nada lhe dê.

. . . .

Pobre humanidade que se deixa vencer pelos rogos traiçoeiros a que o seu espirito não sabe reagir. Não verá ela que as religiões inventadas pelos jesuitas são baseadas nos mesmos principios, e em nome delas se perde o carinho, o amôr e até a propria vida, quando as religiões se entrechocam em luta umas com as outras?

O interesse é todo para esse bando de corvos que vivem como ciganos, não olhando aos meios para conseguir os seus fins. Todas as religiões formadas pelo dominio lançam os povos nas lutas, batendo-se como féras, perdendo o que tem de humano, ficando só a pantéra...

E' preciso não esquecer estes pedaços de historia que nos elucida dum passado triste e cheio de terror, onde dominava a vingança e o odio (*Tribunal do Santo Oficio*). Ao achado macabro referiu-se ligeiramente um jornal da manhã, que pouco disse, mas verdade seja que só viu os tres esqueletos da primeira aparição, e ainda para o observar foi convidado um arquiologo que pena foi não ter assistido á segunda aparição—o jazigo comum—que sobre ele muito teria estudado e dito. E' lamentavel este estado de cousas, se atendermos a que ha 1916 anos a humanidade vem sendo explorada por esses destruidores do espirito humano.

. . . .

Os Assyrios e Babylonios eram polytheistas. Adoravam o deus que melhor servia a sua vontade espiritual, assim como os phenicios tambem professavam o polytheismo, mas estes eram muito crueis e repugnantes para com as suas vitimas: matavam os filhos em presença das proprias mães!

Como se vê, as religiões desde as mais remotas até á civilisação moderna, são todas baseadas nos mesmos principios—o dominio pelo terror.

. . . .

Agora vâmos entrar na época *santa*—á quaresma—onde nem o mais leve ruido se deve fazer sentir dentro do templo de Deus. Contudo, lá fóra, ao ar livre, sobre a abobada celestial, abatem-se milhões de vidas, com a fé de Deus, causando horror aos *deuses* do Olimpo, de cuja bondade era baseada na arte, na poesia e no amor.

Lisboa, 5—3—1916.

Zulay

ARTE

No Museu Regional de Aveiro

A brilhante conferencia do sr. dr. Egas Moniz na festa do dia 16 de Janeiro

Minhas senhoras:
Meus senhores:

Afastado de ha muito do discurso e da conferência, vivendo exclusivamente para os meus livros, para a minha profissão e para as minhas predilecções de arte, não tenho entrado em contacto com outro publico que não seja o das minhas aulas, e fizera o proposito de não procurar outro, ao menos tão cêdo, já por falta de tempo, já porque os portuguêses desejam que lhes falem, de preferencia, da sua maior preocupação: a politica—de que felizmente me afastei por incompatibilidades irredutiveis.

Não me teem faltado convites e instancias. A todos pude esquivar-me e a todos pude resistir. Por vezes com pezar, confesso-o, mas no proposito inabalavel de não alterar a linha de conduta que me impozera. E o vir hoje aqui, á capital do meu distrito, não representa ainda uma quebra dos propositos em que estou, visto que condições se deram que em nenhum outro caso podem repetir-se.

E' que ao distrito de Aveiro pertence a querida aldeia em que nasci, pedaço de terra onde criou raizes o meu coração e onde os dias se não contam pelos ciclos do sol, tão rapidamente eles se sucedem na saudosa evocação dos que passaram e no convivio intimo com a natureza, a grande, a eterna inspiradora.

Acresce ainda a circunstancia de que uma parte dos que me escutam de ha muito me conhecem, e esta conferencia toma assim o ar intimo de uma palestra familiar.

Mas ha outro motivo ainda mais imperioso. E' que Aveiro possue hoje um admiravel museu regional, um dos mais belos que conheço, e não me canço de louvar a iniciativa do homem que poude realisar essa obra, por certo a maior que nos ultimos anos foi levada a cabo nesta cidade e que é por muitos titulos um dos grandes beneméritos desta terra: Marques Gomes. Tem tido, é certo, auxiliares valiosissimos, mas á sua iniciativa, ao seu esforço, á sua cultura artistica, ao amor que dedica á sua cidade natal, se deve esta obra verdadeiramente bela.

Aveiro colocará o seu nome na galeria dos que mais a ilustraram e melhor a serviram. E Marques Gomes insistiu tanto para que eu viesse hoje a esta festa, empregou tais argumentos que, digo-o francamente, foi por violencia que me trouxe aqui. E o peor é que com essa violencia só vão ficar prejudicados os que me escutam. A eles teem de pedir contas, e não a mim, do insucesso do meu arrasoado. E como é de velho uso pedir, nesta altura do exordio, a benevolencia do auditorio, é em seu nome, e não no meu, que eu imploro a costumada indulgencia.

Por esta fórma minorarei a sua responsabilidade.

* * *

Minhas senhoras:
Meus senhores:

Nós vimos laborando num erro grave em assuntos de instrução publica.

De facto os 80 p. c. de analfabetos que possuimos é qualquer coisa parecida com um pesadelo de tragedia, mas ensinando a lêr, divulgando a escola primaria, julgâmos jugular a crise da ignorancia que avassala o país.

E contudo a cultura dos que apenas sabem lêr e escrever é por vezes inferior á dos que se não quedaram a estudar o significado e o arranjo das letras mas a quem a lição das coisas, que vale mais do que a lição de muitos livros, deram conhecimentos e reflexões que os seus competidores não possuem, desvanecida na interpretação soletrada dos textos comesinhos.

Em paises de melhor estrutura educativa essa instrução primaria é coisa que não conta. E' certo que se inverte a proporção portuguêsa por que mais de 80 p. c. dos seus habitantes sabem lêr e escrever; mas rarissimas vezes se limita a esse preparo a ilustração do grande publico. Ao lado da escola primaria está a escola profissional que, paredes meias, vai completando a educação do aluno. Os rudimentos das belas-artes são aí ministrados com carinhoso cuidado.

E como se isso não bastasse o ensino do aluno é completado na escola primaria superior em que os primeiros conhecimentos das sciencias e das letras e das artes são professados em cursos elementares de alguns anos como base conveniente á vida profissional de cada um. O resultado é obvio. O operario, o comerciante, o trabalhador agrario, o pequeno industrial que adquiriram esses conhecimentos, tornaram-se conscientes do pouco que sabem e do muito que teem que aprender. E, ou se valorisam estudando mais, ou sistematicamente se remetem ao mais prudente e consciente silencio.

E' o inverso do que sucede entre nós. Por isso as sociedades a que êles pertencem disciplinam-se e progridem, por isso a alta cultura toma aí um desenvolvimento que reflete nos estudos superiores a harmonia, o metodo e a seriedade do ensino elementar hoje julgado indispensavel a todo o individuo.

Ora não se compreende a educação, mesmo rudimentar dum povo, desde que ele ande alheado da Arte! O Belo, que é a aspiração da Arte, é sempre também a suprema aspiração dum povo culto, nas suas multiplas manifestações. Basta olharmos para o passado para o reconhecermos!

Olhar para o passado! E' dêle que nos falam essas tapeçarias, esses quadros, esses barros, essas esculturas, essas porcelanas, esses moveis, esta casa e de que vos veio tambem falar! Nem doutra maneira poderia eu falar-vos d'arte! E' que a vida é curta e a arte eterna!

Quando os anos começam a sulcar-nos o rosto, a sobrecarregar-nos os hombros, a acalmar-nos os impetos, é por vezes delicioso debruçarmo-nos sobre a janela que, na vida, deita sobre o passado e revivê-lo em horas calmas de encantador devaneio.

Eu já vou preferindo essa paisagem morta e imovel, mas que a minha imaginação faz agitar e viver, á nebulosa do futuro onde as sombras nada deixam vêr nitidamente, confundindo-se tudo—sonhos, aspirações, imaginadas venturas nas meias tintas de erradas presunções.

Mas a vida do homem é coisa minima na vida da espécie e o passado de cada um de nós é nada em confronto com o passado da humanidade. Este é que importa a todos, e revivê-lo, embora por momentos, fazê-lo deslizar sob o aspecto das artes plásticas de que ha tão valiosos exemplares a dentro destas salas, vai ser o assunto désta minha modesta conferencia.

* * *

A arte é um fenomeno social. Fabrica-se um objecto com determinado fim, decora-se logo para que agrade, para que mereça o aplauso dos que dêle tenham de servir-se.

Por isso logo que o homem, mesmo nos periodos pre historicos, creou utensilios e viveu em sociedade, a arte plastica surgiu com as suas primeiras creações. Ha por isso uma verdadeira arte pre-historica que os arqueólogos estudam e colecionam. Da época quarternaria, que durou muitos milhares de anos para vir a terminar 12:000 anos antes da éra cristã, ha interessantes vestigios artisticos, que nos, sua ingenuidade, mostram que o homem, mesmo da edade da pedra lascada, já sabia reproduzir o que observava.

Nêssa época remotissima, muito anterior á da construção das piramides do Egipto e dos palacios dos reis babilonicos, o homem ignorava a agricultura e ainda não domesticava os animaes, mas já construia os seus apetrechos de caça: os seus machados de silex, triangulares ou ovaes, em que mostrava o gosto pela simetria, os punhaes e os harpões rusticos de hastes de veado com que perseguiam as suas presas.

São déssa época as primeiras esculturas, gravuras e pinturas.

Esculpiam em pedra e argila, gravavam nas hastes e nos ossos das renas e dos veados e pintavam nos muros das cavernas.

Já conheciam a óca e preferiam as côres vivas. Os animaes que caçavam eram o têma constante da sua inspiração artistica. Ha documentos dessa época. No Museu de Sain Germain ha uma gravura feita sobre as hastes de uma rena, encontrada na caverna de Lorthet, que representa dois veados galopando em altitudes que só a fotografia instantanea pôz ultimamente em destaque. As fases do movimento tinham sido surpreendidas pelo observador arguto desses remotos tempos.

Depois vem a época da pedra polida e do bronze. E' por condições meteorológicas e geológicas que não vale a pena recordar, uma nova humanidade que surge e ainda a Arte não sai do seu periodo embrionario.

Os documentos que nos veem dessa época em pedra polida, em bronze e em barro, mostram por vezes uma certa elegancia junto ás mais bizarras ornamentações lineares, parecendo fugir, ao menos no Ocidente, por qualquer espirito de superstição, a representar homens e animais.

São as civilisações orientais que florescem especialmente no Egito e na Babilonia quarenta seculos antes da nova éra, que nos dão a primeira verdadeira Arte e preparam o advento da Arte classica.

Na arquitetura constroem as piramides colossais e os grandes templos cheios de inumeraveis colunas como o de Karnak em Thebas, na escultura ou elevam as grandiosas esfinges e as gigantescas estátuas gregas ou detalham as minúsculas figurinhas dos deuses e das deusas; nas pinturas e nos baixos relevos ou glorificam as vitorias dos Pharaós e as cerimonias grandiósas do seu culto ou, dominados pela preocupação de desvendar o Alem tumulo, fantasiam com posições como a da viagem da alma ao país dos mortos; na ceramica adornam as formas curiosas dos seus potes com a profusão de variados relevos e gravuras que se tornam monótonos á força de repetidos na rigidez das suas linhas.

A alma egipcia vivia só para o culto dos mortos!

A casa era a habitação transitória; o tumulo a habitação eterna, como se o rodar dos tempos e os conflitos das passagens das civilisações podessem consentir que eles perdurassem pelos seculos sem fim. Por isso a Arte egipcia é inexpressiva e morta. A sua influencia sobre as outras Artes orientais levou-lhe a mesma carateristica letal que produziu, por certo, obras grandiosas como o celebrado templo de Salomão, o maravilhoso poeta do Cantico dos Canticos, mas não deu graça aos seus monumentos, não movimentou as suas figuras, nem deu vida ás suas estátuas.

Só mais tarde nasce na Grecia a Arte que nos faz vibrar a alma, a Arte que se identifica com as nosssas aspirações na compreensão do mesmo ideal do Belo.

Os gregos, pouco agrilhoados á tradição, amando a liberdade, conseguem fazer florir o genio criador por fórma que dois seculos depois de iniciarem a esculturra em marmore alcançam o seu apogeo.

E' no infortunio da derrota das guerras medicas que essa Grecia prodigiosa resurge com as odes de Pindaro, as maravilhosas tragedias de Eschylo, os frontões dos templos de Aphaia e de Zeus onde vivem e se movem as estatuas dos guerreiros na musculatura rude de vigorosos combatentes, as estatuas de Polyclete, de Myron e de Phidias, de Phidias, o maior de todos, o escultor maravilhoso que á sombra de Pericles fez o aformoseamento de Atenas: a patria da beleza suprema, a terra de promissão da arte incomparavel que ainda hoje é o nosso enlevo e que foi a base sobre que se edificou toda a Renascença.

O Pasthenon, que é do inicio da Arte helenica e de que só restam ruinas, ainda hoje é a Meca dos peregrinos da Arte que na contemplação das suas colunas desmanteladas evocam os preciosos frescos para sempre apagados, os maravilhosos marmores desaparecidos, as estatuas chyselephantmas de que apenas ha memoria!

Tão grande foi a Grecia na arquitetura que ainda hoje se não inventaram novas ordens de colunas, tão admiravel foi a sua precisa combinação de curvas e tão perfeita foi a justeza das proporções estabelecidas.

Na escultura, Phidias e a sua escola impoz ao marmore a beleza serena e forte que se admira na Venus de Milo, que é ainda hoje a obra prima da estatuaria de todos os tempos. Todos a conhecem, e apesar de decepada de braços, ha tanto encanto nas suas linhas, tanta calma na sua fisionomia, e rescende tanta saude e tanta beleza, que della se teem enamorado como se aquele marmore palpitasse como a carne desejada e se dentro daquele bloco de pedra pulsasse um coração!

A estatuaria ainda se adoça no seculo seguinte com Praxitele que dá á expressão do rosto feminino a graça incomparavel que celebrisou a sua Aphrodite, infelizmente perdida, e se reflete no dilicioso grupo de Silene e Dionizio, creança, em que ha uma ternura e um encanto paternal que nunca mais foram excedidas.

Na pintura primeiro Polignote e no seculo IV os coloristas mais celebres da Attica: Parrhasios, Zeuxis e Apeles, dão á sua arte a suprema expressão.

Essas obras, que mereceram aos seus contemporaneos louvores identicos aos que dedicaram ás estatuas dos seus mestres, perderam-se sem deixar vestigios, corroídos pelo tempo, o feroz devastador desse patrimonio que o passado nos legou como um dos mais preciosos.

Nem os frescos da Pompeia e Herculanum, todos posteriores á época grega, pódem dar uma ideia dos requisitos e encantos dos quadros desses extraordinarios mestres de que nos restam os nomes: sombras vagas de tradições do passado.

Restam-nos apenas algumas peças de ceramica, a eterna documentadora desses remotos tempos, pintadas por quem se inspirou no estilo e motivos que eles criaram. Só á vista desses documentos valiosos se póde fazer uma vaga ideia dos verdadeiros fundadores da pintura classica.

* * *

A Grecia principia a declinar após os sucessos de Alexandre. A arte helenica difunde-se. De Atenas passa a novos centros de actividade, perde a sua pureza impecavel, mas expande-se e divulga-se; sobre tudo atravez das suas industrias.

E' então que Roma atrái, pelo seu poderio e pelo seu luxo, os artistas gregos que ali vão vender copias ou imitações das obras classicas.

Pompeia e Herculanum destruidas pela erupção do Vesuvio, mostram ainda hoje a opulencia da Arte nessa época e como ela era amada pelos romanos, pois sendo Pompeia uma cidade de terceira ordem possuia mais estatuas e pinturas do que uma grande capital dos nossos tempos. E sendo assim em Pompeia o que não seria em Roma onde, ao lado da Arte invasora grega, começava a delinear-se a Arte romana!

Minhas senhoras:
Meus senhores:

A arquitetura romana cobriu o mundo inteiro de grandes monu-

mentos: de templos, de térmas, anfiteatros, arcos de triunfo.

As ruinas do templo da Diana em Evora são uma prova da sua passagem dominadora por este pedaço de peninsula.

A escultura produziu algumas boas estatuas e os maravilhosos baixos relevos do arco de Tito e da coluna de Trajano no Forum e a pintura emancipa-se, por vezes, da obra grega para lembrar a fórma de pintar da escola impressionista moderna: com manchas de côr e de luz produzindo surpreendente efeito como póde admirar-se nas decorações murais de Pompeia.

Mas a Arte romana não é senão um reflexo da Arte helenica que se mistura depois aos elementos orientaes e acaba por fixar-se na arte bizantina que foi o pezadelo do Ocidente até ao aparecimento da Renascença.

A Arte bizantina deixou-nos grandes monumentos, como a célebre catedral de Santa Sofia, em Constantinopla, hoje transformada em mesquita. Mas nessa Arte atendeu-se mais ao brilho dos dourados, á viveza das côres e minuciosidades esculturais dos capiteis e das arcarias, do que ao proposito de a tornar expressiva e emocionante. Por isso Santa Sofia, como a mesquita de Kait-Bey, sendo grandiosas e decorativas, são inexpressivas e frias como tumulos em que se tivésse sepultado o inexcedivel genio grego.

Essa Arte parada que não conhece motivos novos, que não chora nem ri, a que falta paixão e movimento, ainda hoje domina nos povos em que triunfou o cisma grego, reproduzindo-se a si propria um enervante negativismo criador.

Mas a Italia resgatou esse periodo de dormencia num resurgimento glorioso. Na arquitetura, a Arte romana dá ao cristianismo templos magnificos, de que temos especimens em Portugal, como nessa grandiosa Sé Velha de Coimbra, que é um dos mais belos e preciosos documentos arquitetonicos do seculo XIII.

A seguir, e ao lado da arquitetura romana, aparece a arquitetura gotica, ogival, com motivos floraes, e de que são belos exemplares; entre nós, a Batalha e os Jeronimos, com carateristicas bem portuguezas do denominado estilo manuelino.

Entre estas duas arquiteturas não se deu uma transição brusca: ha mesmo monumentos com carateres mixtos; mas são essencialmente diferentes.

A decoração das igrejas romanas é da auctoria dos monges que as constróem; a das igrejas goticas é essencialmente a obra de escultores laicos que se reunem em corporações. Na Arte romana, desdenha-se da natureza, figuram-se animaes fantasticos, complicam-se e sobrecarregam-se os capiteis; pelo contrario na Arte gotica do seculo XIII ha já uma tendencia decidida para o realismo, rescendendo os seus motivos decorativos flora local e ás fórmas vivas de singulares modêlos em que realça muitas vezes o bem tratado do vestuario.

Demonstram bem a verdade do que vimos dizendo os trabalhos esculturais da mais preciosa joia gotica de todos os tempos e que vem dessa época: a catedral de Reims!

Demonstram-no, não, demonstravam-no, porque a tragedia sangrenta que nesta hora macbetiana tortura a Europa fez com que tombasse por terra essa obra magestosa que desde o seculo XIII desafiava a acção demolidora do tempo!

O que será feito desses capiteis onde se entrelaçava a vinha e se ostentavam os cachos numa naturalidade surpreendente, das preciosas estatuetas do grupo da Visitação e do Encontro do rei Melchisabch com Abrahão, o que restará hoje dessas incomparaveis preciosidades?

Nunca se imitará a natureza nem com mais graça, nem com mais candura, nem com mais verdade! Essas esculturas foram as melhores que depois da florescencia da arte grega, o genio humano criara.

E essas maravilhas levou-as o tufão devastador da metralha, essas preciosidades, hoje mutiladas ou desfeitas, perderam-se no vórtice tremendo que assinala o nosso seculo como o mais sangrento de todos os que a humanidade tem atravessado.

(Conclue no proximo numero)

ANUNCIOS

O DEMOCRATA

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Ano (Portugal e colonias)	1$20
Semestre	$60
Brazil e estrangeiro (ano) moeda forte	2$50
Avulso	$02

Anuncios

Por linha	4 centavos
Comunicados	2 »

Anuncios permanentes, contrato especial.

Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Exames de admissão ás Escolas Normais

Antonio Rodrigues Pepino e Alberto Casimiro da Silva, professores na escola central de Aveiro e alunos do curso de habilitação ao magistério primário superior, abriram em Aveiro o seu curso de admissão ás Escolas Normais.

R. de S. Roque, 15-1.º.